

**REFLEXÕES ANTROPOLÓGICAS SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA
E O ESPORTE ESCOLAR.**

* Silvino SANTIN

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS COMO FUNDAMENTOS DO AGIR

Toda a vez que nos propomos a realizar mudanças efetivas e profundas na esfera das atividades humanas, tanto a nível comportamental quanto a nível técnico, precisamos alcançar a esfera das idéias, dos valores e das significações. Em outras palavras, as mudanças no mundo da ação humana só acontecem quando precedidas pelas mudanças no mundo do pensamento. Isto porque todos nós sabemos que a ação humana é determinada e guiada pelas nossas idéias e intenções. Estas idéias, guias de nosso agir, surgem da compreensão que temos do mundo que nos envolve e de nós mesmos. A esta compreensão prévia, que antecede a nossa intervenção prática na realidade, podemos chamar de filosofia, ideologia ou referencial teórico. Portanto, queiramos ou não, é impossível tomar uma atitude prática, seja comportamental ou técnica, sem que intervenha uma compreensão prévia ou um componente ideológico. Entende-se aqui a ideologia em seu papel mediador, não como atitude mistificadora da realidade. Diante disto conclui-se que toda atividade humana implica necessariamente na aceitação prévia de alguns pressupostos como base de determinação e sustentação de todo agir humano.

Buscando uma maior clareza à exposição vamos tomar um exemplo que nos mostra duas compreensões diferentes, implicando em duas atitudes distintas, encontradas no Cristianismo e nas Ciências. O cris-

* Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da UFSM.

tão e o cientista admitem que há uma ordem no universo. A compreensão desta ordem, porém, não é a mesma. Para o cristão a ordem do universo é de natureza divina; para o cientista, esta ordem é matemática. Galileu escreveu que o universo ou a natureza era um grande livro em caracteres matemáticos. A Bíblia diz que o mundo foi criado por Deus. Ele é o princípio e o fim de todas as coisas. O universo revela a obra de Deus. Estas duas compreensões diferentes, embora não necessariamente excludentes, geram duas atitudes diferentes. O cientista através de uma metodologia analítica e experimental busca descobrir leis e fórmulas que o levem a explicar e dominar a natureza. Como consequência desta atitude surgem as ciências e a técnica. O cristão, por sua vez, procura pela meditação e ascese alcançar os insondáveis desígnios de Deus. A atitude cristã produziu a teologia, como a compreensão de Deus, e as liturgias, como comunicação com a divindade e o transcendente.

Estamos diante de duas compreensões e de duas atitudes distintas. Podemos aceitar uma ou outra. Podemos também aproximar as duas, como o fez Teilhard de Chardin. Podemos, talvez, rejeitar as duas e admitir o acaso ou o fatalismo. Esta situação nos mostra o segundo caráter dos pressupostos teóricos, a opcionalidade. Sim, os pressupostos, ou a compreensão prévia como fundamento de nossas atitudes práticas, possuem um caráter opcional. O que significa dizer que a aceitação deste ou daquele pressuposto está na dependência da decisão humana. Pode-se aceitar a ordem matemática e mecânica do universo, ou afirmar que o universo está ordenado de maneira espiritual e divina. O homem pode aceitar pressupostos e assumir atitudes contrárias tanto às ciências, quanto às teologias. Pode, também, seguir a ciência em certos momentos e, em outros, admitir os princípios teológicos. O homem é capaz de assumir posturas paradoxais, isto porque é um ser dotado de liberdade. No processo decisório surge a exigência de se ter critérios ou razões, sobre os quais se fundamentam as decisões humanas. As decisões podem surgir de dois caminhos: um, o do estudo, do debate e da análise; o outro, por imposição autoritária e arbitrária.

O terceiro caráter dos pressupostos ou da compreensão prévia é a irreversibilidade de suas implicações. O que significa dizer que

uma vez definido o referencial teórico define-se, também os rumos de nossa intervenção na realidade. A física galileana nasce com a mudança dos princípios da física proposta pelos gregos. Assim, as revoluções industriais foram precedidas por revoluções científicas, as revoluções sociais são conseqüências de revoluções ideológicas. Voltando ao exemplo já exposto, referente ao cientista e ao cristão, verifica-se que não se pode negar à instituição da Ciência Moderna certas implicações anti-religiosas, cuja primeira manifestação consistiu na anulação da diferença entre o céu e a terra. Céu e Terra se dissolveram na infinitude do espaço euclidiano, Deus ficava expulso do mundo e a ciência ficava libertada da tutela teológica (JAPIASSU, 1978, p. 14). Uma segunda implicação, talvez mais fácil de se entender, ocorre na substituição do latim pela matemática como a nova língua das ciências. Tal implicação pode ser observada inclusive nos currículos das escolas.

É possível observar um quarto caráter que envolve a formulação dos pressupostos. Quando queremos definir e conceituar nossos pressupostos - elaborar o referencial teórico - usamos palavras que já estão situadas dentro de um contexto linguístico e cultural. Os termos empregados não são novos e nem vazios, pelo contrário, plenos de sentido e carregados ideologicamente. Nós falamos uma língua, e não poderia ser diferente, portadora de uma herança histórica. Ao recorrermos às palavras de uma língua, ou ao emitirmos enunciados, trazemos à tona uma longa história, a história de nossa cultura. E, lembremos mais uma vez, nossa cultura e nossa história pertencem ao mundo ocidental.

Será à luz destes quatro caracteres (necessidade, opcionalidade, irreversibilidade e herança cultural) que acompanham a elaboração dos pressupostos de nossas atividades práticas, que vamos analisar as possibilidades de mudança no Campo da Educação Física e do Esporte Escolar.

2. OS ELEMENTOS ORIGINAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE

A Educação Física não é uma atividade nova, ao contrário, é uma prática milenar, portanto, portadora de uma forte carga cultural, sob todos os pontos de vista. Precisamos, para encontrar seus ele-

mentos originais e superar as camadas de nossa herança cultural e, através deles, buscar alternativas para as novas propostas educacionais. O sistema de adjetivação, próprio da língua grega, nos mostra uma técnica de distinção possível a que são submetidos os substantivos. Assim, ao falarmos em educação física, quer-se mostrar que ela se distingue de outras modalidades de educação. Quando falamos dos jogos Pan-helênicos, podemos lembrar as atividades aí desenvolvidas e seus participantes. Ao lado das corridas encontramos as declamações. Portanto, os rapsodos juntavam-se aos atletas. Sem nos demorarmos na análise do desenvolvimento histórico da Educação Física e do Desporto, vamos ver em que estes se fundamentam. Creio não haver dúvida sobre os elementos básicos sobre os quais construíram-se a Educação Física e o Desporto, a saber, o ser humano e o movimento humano.

2.1 O ser humano

O elemento fundamental de toda a educação é o ser humano. A educação física é uma parte da educação em geral, o adjetivo "física" sugere uma limitação de sua tarefa educativa frente ao ser humano. Ficou claro, pelo que já foi dito, que nenhuma tarefa educacional é desenvolvida sem uma compreensão do homem, sem uma definição do tipo de homem que se pretende construir. A educação física, em princípio, aponta para os aspectos físicos do homem, o que supõe que outros aspectos do homem podem não entrar no mérito das preocupações do educador físico. Tal situação parece estar vinculada à visão antropológica dualista. Cabe-nos, portanto, debater a legitimidade das antropologias dualistas que nos dão uma compreensão do homem como um ser formado de duas partes separáveis e autônomas. O debate pode ser interminável, especialmente se introduzirmos o elemento teológico. Tomemos, como ponto de referência, a definição da UNESCO que diz ser o homem um ser bio-psíquico-social. Esta definição nos apresenta um conceito de homem como uma realidade de três dimensões. Resta saber se nós as entendemos como três dimensões formando um todo unitário e indissolúvel, ou se as entendemos como três elementos autônomos em si mesmos e no seu agir. A questão permanece sem uma resposta definitiva, com isto reaparece a necessidade da opção e da decisão do homem.

O presente estudo assume a compreensão do homem como um ser unitário. Quando o homem age, age sempre na sua totalidade. Em qualquer movimento, em qualquer atitude, em qualquer pensamento está presente o homem total e unitário. Neste caso torna-se impossível falar em atos puramente físicos ou orgânicos, e em atos puramente psíquicos ou espirituais. Mesmo no caso de se aceitar o transcendental, o homem deve continuar como uma totalidade, não como parte. (Ver: Antropologia , um Problema Teológico - Karl Rahner).

2.2 O Movimento Humano

O movimento constitui o segundo pólo do campo magnético da educação física. É a partir de um homem com possibilidades de movimento que se busca desenvolver e fundamentar a Educação Física. Falar em movimento parece uma tarefa simples. E, talvez, seria simples se esse movimento não fosse o movimento do homem, mas apenas um corpo em movimento. Neste caso entraria na área da Ciência Física e das teorias mecânicas como um fenômeno comum a todos os corpos.

Vamos tentar observar as várias possibilidades de compreender o movimento do homem. Inicialmente podemos classificá-lo como uma ação motora. Todo o ser vivo, inclusive o homem, é dotado de um mecanismo que funciona dentro de leis e princípios mecânicos. Os animais e os homens, diz MONOD, (1976), são máquinas vivas. A Biomecânica, por sua vez desenvolve e aprofunda a compreensão maquinal do movimento humano. A coordenação motora, as performances e os rendimentos são julgados dentro da ótica de uma funcionalidade mecânica, despidos de qualquer intencionalidade ou de significação. Tratar-se-ia simplesmente de questões cibernéticas.

A locomoção é outra maneira de apreendermos o movimento humano. O homem é capaz de deslocamentos de um lugar para outro. Mas será que o homem se locomove ou anda de um lugar para outro como qualquer outro animal ou qualquer artefato? Caminhar, correr e saltar são apenas formas de locomoção. Tudo depende da situação e condições. Os animais além destas formas de movimento são capazes de voar e nadar, como formas próprias de sua locomoção. O homem também as executa, embora não seja um movimento próprio.

Sob um terceiro ponto de vista o movimento humano pode ser com

preendido como força ou energia produtiva. O trabalho manual ou braçal é o desempenho da força das mãos e dos braços. Dentro desta compreensão os movimentos desenvolvidos pelo homem são forças que podem ser empregadas para realizar determinadas tarefas com o objetivo de alcançar metas que os homens se propõem.

O movimento humano, por fim, pode ser compreendido como linguagem, ou seja, como capacidade expressiva. O homem se expressa pelos seus movimentos, pelas suas posturas, pelos seus gestos. O corpo humano é fala e expressão. A presença do homem é sempre uma presença falante, mesmo silenciosa. O homem se expressa no seu olhar, na sua face, no seu andar, ao ocupar um lugar. O movimento humano será sempre intencional e pleno de sentido.

O presente estudo privilegia a compreensão do movimento humano como capacidade expressiva. O movimento do homem se distingue de todos os demais movimentos por ser sempre expressivo e intencional. As outras compreensões são válidas, mas são limitações e, talvez, um empobrecimento da riqueza e da grandeza do movimento humano.

3. AS ARTICULAÇÕES DO MOVIMENTO HUMANO

As possibilidades de articular o movimento humano constituem o espaço específico da Educação Física. A grandeza deste espaço, parece, não está suficientemente esclarecida. Caberiam aqui duas perguntas. A Educação Física, como é pensada e praticada hoje, está preocupada em investigar a extensão das possibilidades de articulação do movimento humano? E ainda, qual é a compreensão que a Educação Física tem do movimento humano, a partir da qual faz sua proposta de educação do mesmo movimento?

As respostas são muito importantes e, talvez, mais importante seja a consciência das respostas que damos ou que aceitamos dos outros. Somente assim saberemos conscientemente como a Educação Física estabelece e define sua ação educativa partindo do homem como um ser capaz de assumir posturas expressivas corporalmente. Para esclarecer a questão podemos lembrar, mais uma vez, o exemplo anteriormente dado sobre a ordem do universo. Para Galileu os movimentos dos espaços celestes são matematizáveis e geometrizáveis. Kepler relaciona a Astronomia à Música e diz: " Os movimentos celes-

tes nada mais são que uma canção contínua para várias vozes (...)" (ALVES, 1981, p. 72). Dentro destas diferentes perspectivas, Galileu escreveu "Il Dialogo dei Massimi Sistemi" e Kepler nos deixou "Harmonice Mundi".

A Filosofia fenomenológico-existencial afirma que toda ação humana é intencional. Partindo, portanto, do princípio da intencionalidade de todo agir humano conclui-se que os movimentos humanos estão sempre envolvidos pelo mundo das significações. Em outros termos, nenhum movimento humano está no mesmo nível do movimento animal e das máquinas. O homem se posiciona e se move sempre intencionalmente, ou seja, significativamente.

Com estes dados podemos dar mais um passo através do qual podemos chegar à descoberta da intencionalidade que fundamenta a articulação e a organização dos movimentos do homem, que a educação física põe em prática. Podemos, também, observar como é possível propor outras intencionalidades, que não as atuais, e que, por sua vez, irão propor outras articulações do movimento. Este passo só será eficientemente dado quando chegarmos ao levantamento dos componentes intencionais, responsáveis pelas diferentes maneiras de articular ou organizar as múltiplas intencionalidades e possibilidades a que o movimento está sujeito.

4. OS COMPONENTES INTENCIONAIS DA ARTICULAÇÃO DO MOVIMENTO HUMANO

Tentar definir ou estabelecer esses componentes intencionais é uma tarefa complexa, especialmente quando se coloca o movimento humano no contexto do mundo criativo do homem. Podemos, assim mesmo, tentar definir o componente intencional como o conjunto de elementos valorativos que entram em cena no momento em que se articula o movimento humano. Para facilitar sua abordagem vamos dividi-los em dois tipos: internos e externos.

4.1 Componentes intencionais internos

Os componentes intencionais internos são constituídos pelas significações ou valorações que acompanham e se confundem com os próprios movimentos. Vejamos alguns.

Expressividade. Pela expressividade os movimentos se constituem em linguagem. Uma linguagem que identifica o movimento com seu significado. Por exemplo: o movimento do gesto e seu significado são inseparáveis. Da mesma maneira como é impossível separar a melodia da sonata, dos sons que a produzem. O movimento é uma maneira do homem estar presente, uma presença para si e para os outros.

Competitividade. Todo movimento humano é, de alguma maneira competitivo, na medida que ele se desencadeia como um exercício de superação de resistências, pois ele se coloca como uma busca de equilíbrio, de harmonia, de beleza. A competitividade não deve ser entendida como competição na demonstração de superioridade. O movimento parece ser sempre um esforço para o encontro, para a aproximação buscando superar distâncias, obstáculos, sejam físicos ou psicológicos. A competitividade coloca-se dentro da ótica dialética.

Prazer. O prazer entende o movimento feito e assumido como fruição de valores estéticos, éticos e afetivos. O movimento é vivido como satisfação, como prazer. Nos movimentos de expressão corporal, de dança ou arte, talvez, possamos perceber a idéia do que é o movimento como prazer.

Premiação. Todo movimento humano, não só busca uma premiação fora de si, mas ele mesmo, uma vez executado, pode constituir-se na premiação de si mesmo. O movimento que mais facilmente é assumido por nós, é aquele que traz em si mesmo o prazer de ser feito, pelo simples fato de ter sido feito. Ele nunca será frustrante. Não se trata, portanto, de uma premiação externa ao movimento, mas ele mesmo. As taças, as medalhas e congêneres são premiações externas. Trata-se de uma recompensa íntima, totalmente pessoal. Esta idéia, segundo TOYMBEE, parece estar presente na Grécia, pois "a honra de ser vitorioso num dos jogos Pan-helênicos era tão grande que uma recompensa material tornava-se desnecessária" (1969, p.18).

Produtividade. O movimento humano é sempre desencadeado como uma ação produtiva. O fruto desta produção, nem sempre, é colocado fora do mesmo movimento. O movimento é procurado por si mesmo, porque nos agrada, porque queremos fazê-lo, mais ou menos como diz o poeta medieval SILÉSIO: "A rosa floresce porque floresce, ou como

argumenta a criança, 'porque sim!'. Os princípios do unitarismo não fizeram esquecer esse tipo tipo de produtividade afetiva.

Os componentes intencionais internos constituem a mola mestra do movimento humano. Eles independem de resultados externos. Os resultados externos são negados, mas podem ser aceitos como incentivos secundários. Os componentes intencionais internos são os que dão a verdadeira identidade e autonomia da Educação Física. Em nome deles, penso eu, a Educação Física deve propor e fundamentar sua tarefa educativa.

4.2 Componentes intencionais externos .

Podemos definir os componentes intencionais externos como sendo os objetivos propostos a serem alcançados pelo tipo de articulação do movimento. Eles são um resultado diferente do próprio movimento. Os componentes intencionais externos fazem do movimento, em geral, e da Educação Física, em particular, um instrumento para se obter um valor que não faz parte do movimento. Os trofeus estão nesta ordem. Aqui, facilmente podem surgir distorções graves, na medida que o movimento humano ou a Educação Física são colocados como meros trampolins para chegar a outros resultados de toda ordem. A lista dos objetivos pode ser ilimitada. Entre eles podemos lembrar o trabalho, o esporte, o lazer, a saúde, o rendimento, o bem-estar, etc... Seria muito extenso tratarmos esses vários objetivos que, na maioria das vezes e mais frequentemente, são colocados como atrativos para os indivíduos aceitarem o sacrifício do exercício físico.

Dentro do tema proposto, o objetivo de nosso interesse é, neste momento, o esporte escolar. Sem dúvida é na área do Esporte que o movimento humano e a Educação Física encontrou, hoje, seu mais alto grau de valorização e de interação. Na prática do esporte e na preparação de atletas pode-se verificar, em especial nos países mais desenvolvidos, grandes investimentos e o maior índice de aperfeiçoamento e de conhecimento do Movimento Corporal. A Biomecânica atingiu patamares de conhecimentos especializados e de tecnologias sofisticadas de profundo alcance. Os avanços científicos e tecnológicos da Biomecânica são de tal envergadura que, hoje, ela pode for

necer um acervo de informações de alta precisão mecânica para avaliar cada movimento do atleta aplicado à cada modalidade de esporte praticado.

Precisamos saber, agora, quais são ou deviam ser os valores que entram em jogo nesta estreita aproximação entre Movimento e Educação Física, de um lado, e Esporte, de outro lado. Em primeiro lugar, parece ser claro, que o movimento humano é reduzido apenas ao seu aspecto corporal. Em segundo lugar a Educação Física parece assumir mais um caráter de treinamento ou adestramento do movimento corporal, mais do que propriamente de uma educação física e humana. E por fim, salvo melhor observação, os fatos e a prática revelam que a Educação Física é colocada preferencialmente a serviço do Esporte.

Como consequência imediata destas três observações conclui-se que os valores fundamentais do movimento corporal são constituídos pelo rendimento e pelo desempenho conforme as exigências da modalidade esportiva praticada e a educação física tem como função principal, quase cívica, formar o atleta capaz de realizar o gesto do máximo rendimento. Portanto, todo o movimento é trabalhado ou "educado" não tendo em vista o indivíduo e suas situações existenciais ou de pessoa humana para viver melhor, mas sob o ponto de vista do atleta-padrão e tendo como objetivo a competição esportiva. O Movimento e a educação física considerados e praticados sob a ótica acima descrita, não fazem emergir a figura da pessoa humana, mas a figura do atleta que, muitas vezes, devido ao tipo de exercícios e aos sacrifícios que precisa assumir, acaba sofrendo sérios distúrbios e traumatismos físicos e psíquicos, que a longo prazo são irreversíveis. O que permite dizer que a formação de atletas poderá acarretar a deformação das pessoas.

Torna-se, neste momento, decisiva a questão da compreensão das práticas esportivas para reavaliar o papel da Educação Física e do Esporte Escolar como atividades educativas curriculares ou extracurriculares. Já muito se tem falado sobre o esporte como passatempo, lazer, diversão ou competição. Há inclusive trabalhos de reflexão buscando dar maior precisão e distinção conceituais como jogo, esporte e desporto para simplificar essa rápida análise da questão,

e sem desmerecer o rigor conceitual, usamos a palavra esporte em sentido geral. Com isto, parece ser de suma importância, sabermos o que se quer quando introduzimos na educação física, dada nas escolas, as práticas esportivas ou o esporte. Com o esporte queremos desenvolver a competição, pois a nossa sociedade é altamente competitiva, e por isso a criança deve aprender desde logo que se não souber competir não vencerá na vida. Ou queremos a simples diversão, o descontraimento, a interação de pessoas, a confraternização, tentando mostrar que a competição pode conduzir a negação de todos esses valores. O competidor pode esconder um dominador e um ditador. Nas práticas esportivas escolares há a preocupação de que todos participem indistintamente em relação a rendimento, tamanho e idade, ou só se faz isto por concessões especiais, pois o que se quer mesmo é formar atletas e portanto reservado para uma elite.

Ainda é bom lembrar se a Educação Física e as práticas esportivas estão integradas com as demais atividades curriculares, ou se o aluno acaba os exercícios físicos cansado, extenuado, suado é incapaz de retomar o restante das atividades escolares conforme os programas e currículos de cada escola. Não seria possível pensar os exercícios da Educação Física considerando as demais atividades escolares?

Sabemos também que a escola privilegiou a educação intelectual centrando suas preocupações e atividades em conteúdos cognitivos. Diante desta preponderância intelectual o movimento humano passou a ter pouco espaço nas preocupações educativas na constituição dos currículos de cada curso. O ensino passou, desta maneira, a voltar-se preferentemente ou para a inteligência, ou para a memória, ou para a vontade. O homem é portanto visualizado como um ser inteligente, volitivo e consciente. O homem como ser capaz de movimento parece pouco ou nada significar para as atuais pedagogias.

Como consequência desta postura, observa-se que no conjunto das atividades educacionais a Educação Física é vista como algo separável da Educação em geral. A Educação Física é colocada como satélite girando em torno das demais atividades educacionais entendidas como a Educação e esta colocada como um epifenômeno das preocupações pedagógicas escolares.

Quando se fala em mudanças dentro do universo da Educação Física é preciso saber se, de fato, queremos mudar, o que queremos mudar e quais as estratégias para se mudar. Estas reflexões antropológicas têm a pretensão de oferecer subsídios para que as mudanças aconteçam. Cabe aos profissionais da Educação Física, em primeiro plano, optar e decidir. Está na hora do educador como o responsável maior pelos processos educacionais, assumir suas atribuições de pensar a educação e exercer, com a comunidade escolar, o poder decisório.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALVES, R. **Filosofia das Ciências**. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- 2 JAPIASSU, Hilton. **Nascimento e Morte das Ciências Humanas**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- 3 MONOD, Jacques. **O acaso e a Necessidade**. Petrópolis, Vozes, 1976.
- 4 TOYMBEE, Arnold J. **Helenismo**. 3 ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1969.